

## LER PARA SER: A LEITURA COMO INSTRUMENTO DE AUTONOMIA.

Marines Marques Risso <sup>1</sup>  
Antônio Henrique Coutelo de Moraes <sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo relata a experiência do projeto interventivo de leitura nas aulas de Língua Portuguesa, realizado com as turmas “A” e “B” do 8º ano, durante todo o primeiro bimestre de 2024, na Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho – Vocacionada ao Esporte, localizada no município de Jaciara - MT. Através da leitura o projeto objetivou contribuir para o prazer pela leitura autônoma e buscar o aprimoramento dessa habilidade. Para tanto, sua construção metodológica pautou-se na leitura do livro “O mágico de OZ” para atender aos segmentos propostos na intervenção. O livro, do escritor americano Lyman Frank Baum, foi escolhido por traçar um paralelo entre o mundo real e o mundo da fantasia numa aventura estimulante. A atividade traçou o seguinte percurso: primeiro, estabeleceu-se a sondagem através de algumas atividades de leitura para investigar o nível dessa habilidade com as turmas; em seguida, fez-se a escolha da obra e sua apresentação; por fim, a leitura foi realizada em formato PDF durante duas aulas semanais com o apoio dos Chromebook disponibilizados na escola. A análise dos momentos registrados a partir dessa vivência se deu pela metodologia qualitativa, descritiva. Constituem referencial teórico os textos de Freire (1981; 2005; 2009), Petit (2009), Solé (1998), entre outros. Tomamos também como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desse modo, os resultados apontam para a possibilidade de um trabalho de leitura que estimula o letramento e a autonomia. Como reflexos desse trabalho, os estudantes pediram para continuar com as aulas de leitura e, neste segundo bimestre, estão lendo a obra infantojuvenil “O escaravelho do diabo”, escrito pela brasileira Lúcia Machado de Almeida. Além disso, ficou evidente também a necessidade de mais investimento em estratégias e tempo de leitura na escola.

**Palavras-chave:** Mediação. Prazer de ler. Autonomia.

### INTRODUÇÃO

O intuito desse trabalho consiste na reflexão de uma experiência concreta do resgate do prazer pela leitura para o discente. O aluno, geralmente, rejeita a leitura e o pouco que lê, não consegue estabelecer uma relação entre o que está escrito e seus significados. É perceptível que “o problema aqui é que os alunos, principalmente depois dos nove, dez anos, não querem mais saber de ler” (Azevedo, 1999, p.1). Diante desse quadro de apatia, esse projeto visou estimular o hábito da leitura sem imposição curricular para que esses leitores iniciantes venham construir autonomia como leitores competentes.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, [marines.m.risso@hotmail.com](mailto:marines.m.risso@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professor do curso de Letras – Língua e Literaturas de Língua Inglesa e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, [antonio.moraes@ufr.edu.br](mailto:antonio.moraes@ufr.edu.br);

O desenvolvimento de novas tecnologias deve ser enfatizado, já que isso influencia o acesso à informação e proporciona maior agilidade de comunicação. À primeira vista, acredita-se que essa volatilidade de informação seja a causa de desinteresse pela leitura, porém lembramo-nos que a escola faz desse momento uma obrigação. Solé adverte que “É muito difícil que alguém que não sinta prazer com a leitura consiga transmiti-lo aos demais” (Solé 1998, p. 9). A tecnologia trouxe novas formas de leitura, pois induz o indivíduo a comportamentos e reações que lhes interessa mais. Assim, a leitura é um hábito que vem depois do prazer e a escola deve estar atenta a isso.

É importante ressaltar que na educação básica, a atenção dedicada a leitura deve respeitar suas fases de desenvolvimento. Na pré-adolescência ou adolescência existe um desinteresse dos alunos em relação ao hábito de ler. Assim, “[...] se não são obrigados, se não são estimulados, eles param de ler” (Gomes, 2012, p. 129).

Deste modo, apenas um pequeno grupo de adolescentes encontram leituras de seu interesse pessoal. Nestas circunstâncias, estes optam por buscar outros tipos de leituras em suas horas livres. Podemos dizer que isso ocorre dado o desencontro entre os interesses da escola e os dos adolescentes. Eles estão inseridos num mundo onde tudo é rápido e espetacular com efeitos especiais que vão muito além de palavras. A leitura parece ir na contramão, é um momento de exigência sem atrativos e sem encanto. Vale lembrar que a leitura mediada pela tecnologia pode acontecer de forma divertida em outras plataformas, como sites, blogs e aplicativos orientados pelo professor.

Do ponto de vista de Solé “Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer” (Solé 1998, p. 46). Igualmente, entendemos que a leitura é fonte de conhecimento e informação, desperta prazer, emoções, descobertas e conduz uma melhor compreensão da vida e do mundo.

A autora supracitada nos apresenta o conceito de ler, que para ela “é um processo de interação entre leitor e texto” (Solé 1998, p. 22). A leitura tem grande importância para o alicerce da intelectualidade do indivíduo e merece atenção especial dos educadores. Por isso as aulas de leitura precisam ser atraentes, com adoção de livros adequados que permitam a expansão dos conhecimentos, das habilidades intelectuais e da criatividade. É um veículo eficiente para a indagação e a pesquisa, pois cada aluno faz dela um processo pessoal de crescimento.

É possível constituir a leitura num prazer, pois ela oferece evidentes vantagens em relação a cultura, informação e vocabulário. Nesta concepção, Solé entende que “[...] a

leitura deve ser avaliada como instrumento de aprendizagem, informação e deleite” (Solé,1998, p.90). Para ela, a leitura é uma das formas mais eficientes para a inclusão social quando o aluno consegue se apropriar dela para suas diferentes finalidades.

Nesse sentido, ela tem a facilidade de ser um ponto de apoio para as descobertas dos alunos e desenvolver a sua capacidade de criar, recriar, compreender, refletir e emocionar. Ela propicia interesse, consolo, excitação, estímulo, curiosidade, encorajamento, encantos, desencantos. Faz surgir paixões e alivia a solidão, o tédio, ansiedade e a tristeza etc. O ato de ler faz sonhar, usufruir o tempo livre, penetrar em outros mundos e épocas, além de ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político. Por outro lado, para alguns, ela pode ser confusa e gerar aborrecimento.

A ação de ler está carregada de implicações e de motivações e requer algum interesse prévio do sujeito. A pesquisadora Faria afirma que, “[...] a leitura literária é feita por imposição do professor, sem levar em conta as tendências pessoais dos alunos, suas preferências e expectativas” (Faria, 1995, p. 35). No entorno dessa discussão Cosson ajuíza sobre as maneiras como a leitura é trabalhada na escola e como isso acaba por “[...] cercear a criatividade ou podar o prazer da leitura, [...]” (Cosson 2014, p. 22). É preciso ir além das atividades corriqueiras que aniquilam o poder de exploração dos muitos potenciais de um texto. Nessa perspectiva de mudança, o ensino em torno do texto deve ser mais bem organizado. As possibilidades dos usos linguísticos devem ser ampliadas, para possibilitar ao aluno, numa perspectiva crítica, utilizar isso em sua vida.

## **METODOLOGIA**

De caráter qualitativo (Minayo, 1994), o presente relato de práticas pedagógicas diz respeito ao trabalho de processo de formação de leitores desenvolvido com alunos das turmas “A” e “B” do 8º ano, durante todo o primeiro bimestre de 2024, na Escola Estadual Antônio Ferreira Sobrinho – Vocacionada ao Esporte, localizada no município de Jaciara - MT. Os alunos foram incentivados a participar de aulas de leitura, na disciplina de Língua Portuguesa.

Primeiramente, vale destacar que este trabalho foi inspirado na sequência básica para o letramento literário de Rildo Cosson (2014): motivação, introdução, leitura, interpretação. Para tanto, sua construção pautou-se na leitura do livro “O mágico de OZ” para atender aos segmentos propostos na intervenção. O livro, do escritor americano

Lyman Frank Baum, foi escolhido por traçar um paralelo entre o mundo real e o mundo da fantasia numa aventura estimulante.

Nessa estratégia de trabalho, a atividade traçou o seguinte percurso: primeiro, estabeleceu-se a sondagem através de algumas atividades de leitura para investigar o nível dessa habilidade com as turmas. Identifiquei alunos com muita dificuldade de fluência e um que não conseguia ler absolutamente nada, nem as sílabas simples. Após, fez-se a escolha da obra e sua apresentação. Logo no início tiveram a percepção de reconhecimento da história em algumas versões cinematográficas.

Em seguida, orientei sobre como pesquisar a obra em plataformas online fornecendo alguns links para busca de informações básicas sobre o autor, sobre a obra, sua importância, leitura da capa, da orelha, do prefácio e levantamos hipóteses; por fim, a leitura foi iniciada em formato PDF durante duas aulas semanais com o apoio dos Chromebook disponibilizados na escola, pois a biblioteca não disponibiliza o livro físico.

Intencionamos, assim, dar um primeiro passo lendo um capítulo junto com a turma para instigar a curiosidade. Observou-se um movimento de troca e discussão entre eles. Questionavam como alguém podia dormir no meio de um ciclone e o que ela faria com os poderes mágicos do sapato da bruxa. Essa prática de leitura realizada foi usada para instigar a curiosidade dos alunos de acordo com a narrativa de aventura e fantasia contida no livro piloto do projeto, *O mágico de OZ*. As características da protagonista e sua relação com o perfil captado nos estudantes contribuíram na definição por essa obra, além de ser uma personagem com características de liderança como empatia, criatividade e coragem.

Durante as aulas deixei livre, não fiquei fiscalizando, apenas observei. Os alunos passaram a ler silenciosamente ou cochichando, as vezes em dupla, as vezes se sentavam no chão. Uns perguntavam se era para fazer resumo e eu dizia que ler é um prazer e que eu não queria estragar a viagem de Dorothy e seus amigos com atividades. Concordavam rindo. Ler para eles e com eles foi pontual. Essa mobilização foi contrária à apatia que os dominava quando propus o projeto. O recurso tecnológico contribuiu muito. O fato de nem tirar o material da bolsa era uma ideia agradável. Como os aparelhos deviam ser pré-agendados, ficavam me cobrando se eu já tinha feito isso, mas é claro que o calendário foi previamente organizado.

De maneira simples e essencial acompanhei a leitura, dando suporte e direção com um objetivo a cumprir. Sempre com um olhar para o individual, convidei os alunos a apresentar os resultados de sua leitura em intervalos, no período negociado com eles. Foi

como um diagnóstico no processo de leitura. A externalização da leitura foi feita com perguntas orais numa roda de conversa livre. Alguns debates aconteciam naturalmente, produções de argumentos e desenvoltura na produção de textos na oralidade. Alunos com dificuldade de leitura foram acompanhados mais de perto, conseguindo assim dar sequência a leitura. Um aluno em específico que ainda não sabe ler, foi disponibilizado um fone de ouvido e acompanhou a leitura através do leitor de PDF. Percebi um certo orgulho dele ao participar das conversas sobre a narrativa.

Esses momentos de leitura tinham a duração de aproximadamente 90 minutos, ou seja, duas aulas semanais, pois eu os deixava livre para encerrar no momento que desejassem. Por se tratar de um projeto que incentiva a prática de leitura, desde o início foi deixado claro que não seria uma imposição. Ocorreu entre os meses de março à maio de 2024. Foi perceptível nas primeiras aulas a ausência de entusiasmo de alguns. Outros liam para fugir de atividades do livro didático. No entanto, a personagem aventureira Dorothy os cativou, os acolheu com a sua maneira de lidar com os obstáculos da vida. É indescritível como puderam se identificar com uma personagem 120 anos depois de sua criação.

Dentre as aulas realizadas, algumas apresentaram resultados mais positivos do que outras em função do encaminhamento dado a elas e da participação dos alunos. Na tentativa de vencer a ociosidade e desinteresse de uma minoria, comecei a motivá-los criando expectativas em torno do livro.

Paralelamente, frases populares da obra eram enfatizadas, bem como alguns textos foram apresentados. Incluir na rotina diária as leituras de deleite demandou planejamento e disciplina. Nesse processo de formação leitora, o desafio foi grande para mim também. Depois de um tempo, dicas eram dadas sobre quem seria o mágico. Novamente os debates aconteciam. Nas aulas seguintes, os alunos eram motivados a continuar a leitura do livro escolhido. Assim, de maneira discreta a leitura foi tomando sua devida importância nas aulas e a leitura do livro foi sendo concluída, alguns antes, outros depois, e assim perceberam que eram capazes de enfrentar um livro.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O estudo da aquisição da leitura prazerosa e autônoma vem sendo discutido por vários teóricos como Freire (1981; 2005; 2009), Petit (2009), Solé (1998), bem como a

BNCC. Esses estudiosos discutem sobre a importância da leitura prazerosa incentivada pelo professor que possibilita usá-la como suporte de mudança de vida.

A ausência de uma leitura crítica, que dê sentido e significado à vida e a nossa existência, assim como a falta de leituras que desenvolvam nossa fantasia imaginário, pode nos alienar de nós mesmos. Nesse sentido, os professores sentem-se desafiados a melhorar suas práticas, pois incentivar a leitura requer disposição para o planejamento das atividades.

Nesse cenário, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BNCC, 2018, p. 69)

Cabe ao professor a responsabilidade de resgatar a importância e o prazer pela leitura na vida do aluno, colocando-se na posição de mediador da aprendizagem. De acordo com o documento supracitado, o item 9 das competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental propõe aos alunos:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2018, p. 85).

Entendemos que a leitura envolve mais do que decodificar códigos linguísticos, o leitor torna-se um participante ativo na produção de sentidos. Com destaque para a habilidade EF89LP33 que consiste em:

Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BNCC, 2018, p. 187).

Nele, o leitor protagonista é descrito como alguém “capaz de se implicar na leitura dos textos, de ‘desvendar’ suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura” (BNCC, 2018, p. 136). No entanto, é preciso orientar as estratégias de leitura sem a uniformização, ainda que ideologicamente justificada, determina o que deve ser aprendido por todos. Assim, oferece ao aluno a

possibilidade de construir determinados esquemas mentais e planejar como irá se posicionar diante dela.

A partir daí eles começarão a transformar o ambiente em que eles estão. É importante compreender que o incentivo à leitura deve estar diretamente relacionado ao prazer e à fruição. Nesse contexto, a leitura torna-se um experimento de encanto. Não é um ato qualquer, é uma descoberta pessoal, um momento único, insubstituível. O incentivo é uma estratégia de “procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança” (Solé, 1998, p. 69-70).

No que se refere a mediação literária, Michèle Petit fala sobre a importância do intermediário no processo de formação de leitores. “Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (Petit, 2008, p. 161). Nas palavras da autora, o mediador possui papel essencial quando o educando está cercado por um meio no qual prevalece fobia de livro. Encorajá-lo a empunhar um livro, fará que deixe de ser passivo. Petit complementa que,

A partir daí, compreendemos que o iniciador ao livro desempenha um papel chave quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo de revelar esse desejo (Petit, 2009, p. 148).

É evidente que, quando o professor é um leitor e alegra-se em compartilhar o encantamento de uma boa história, desperta no aluno o gosto pelo texto literário. O mediador precisa transmitir a leitura prazerosa, encantar o participante para que ele sinta interesse em ler o que lhe é oferecido e aproximar o leitor do texto. O texto é um território livre, no qual cada leitor vai tecer suas interpretações. “O aprendiz leitor [...] precisa da informação, do apoio, do incentivo e dos desafios proporcionados pelo professor ou pelo especialista na matéria em questão” (Solé, 1998, p. 18).

O livro transporta histórias e pelo seu poder libertador já significou ameaça aos poderosos. A leitura tem sua finalidade em suas múltiplas roupagens, algumas menos, outras mais. A ideia de ler para fruir, por prazer deve ser discutida e ressignificada no contexto escolar. Petit (2006), assegura que o livro talvez seja a única saída para as pessoas que vivem em condições de miséria e pobreza.

Percebe-se a grande importância de trabalhar a leitura para o desenvolvimento do cidadão que está em processo de transformação, pois ela é decisiva para o sucesso escolar e social do indivíduo. Além disso, tem a capacidade de fazer a pessoa refletir e transformar a sua vida.



Paulo Freire (2009), reconhecido mundialmente por seu ponto de vista emancipatório, observa que começamos a ler muito antes da escola e da escrita, lemos os gestos da vida diária, pessoas, situações, o mundo em que nos encontramos, a nós mesmos e ao outro muito antes de ler o texto. Além disso, a leitura propicia uma identificação de mundo ao leitor, torna-se capaz de assumir suas ações, reconhecer os pontos positivos e negativos. As crianças percebem os gestos de amor, raiva, de tristeza, alegria, tom da voz, expressões faciais, identifica e fortalece o sentimento de si mesmo.

Ainda Freire (1989), recorda momentos de infância, quando teve contato com a leitura e fez sua autoavaliação, ressaltando a importância da leitura.

A importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na minha memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (Freire, 1989, p. 11).

É necessário propor textos adequados às crianças, propor situações agradáveis para ler, tarefas que sejam desafiantes e que estimulem a imaginação. Aliás, esse mesmo prazer pode abrir portas, facilitar caminhos, ampliar olhares e práticas.

Diante dessa realidade, é possível afirmar que a escola pode contribuir para a diminuição da injustiça social e desigualdade através da leitura. Diferentes propósitos se movem ao redor da leitura e só poderemos pensar numa democratização cultural letrada se considerarmos que ela é um instrumento para nosso benefício.

A leitura contribui assim para criar um pouco de “jogo” no tabuleiro social, para que os jovens se tornem um pouco mais atores de suas vidas, um pouco mais donos de seus destinos e não somente objetos do discurso dos outros. Ajuda-os a sair dos lugares prescritos, a se diferenciar dos rótulos estigmatizantes que os excluem, e também das expectativas dos pais ou dos amigos, ou mesmo do que cada um deles acreditava, até então, que era o mais adequado para o definir. (Petit, 2008, p. 100)

A leitura como um ato autônomo, delega ao leitor um papel de agente, dando a ele a possibilidade de compreensão e intervenção na sociedade. Isso significa que o aluno adquiriu a capacidade de tomar iniciativas para alcançar o objeto do pensar – o livro. A liberdade é o que melhor define esse tipo de leitura. Possibilita a escolha do livro que mais lhe atrai, ler algumas páginas, ler um livro com voracidade, ler um mesmo texto inúmeras vezes pelo simples prazer de ler. Ler sem compromisso permite criar vínculos com a prática de leitura, selecionar, avaliar, recusar umas e abraçar outras. É preciso refletir sobre nossos pensamentos/palavras e ações. Como dizia Paulo Freire “não posso aprender a ser eu mesmo, se não decido nunca” (Freire, 1996, pág. 59).

O protagonismo oferece ao estudante, iniciativa de ação como fonte de liberdade, de opção, de compromissos e responsabilidade. O aluno, quando é sujeito do



conhecimento, deve ser autônomo para construir o seu pensar. Essa independência deve ser induzida na vida escolar, para que na vida adulta tenha um posicionamento crítico perante a sociedade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Quando esse projeto foi idealizado, um dos questionamentos era se os alunos se engajariam na leitura de um livro inteiro. Analisando este questionamento, pode-se dizer que sim, eles se engajaram, porém, alguns mais motivados que outros. Numa breve análise constatei que alguns alunos passaram a ler mais por vontade própria. Encaminhei via e-mail um link de uma biblioteca virtual e recebi a devolutiva de leituras que estavam fazendo em casa.

Sentar-se para ler. Depois da realização desse projeto, os alunos já leram com mais facilidade, já entendiam como era abrir um livro e se aventurar naquelas linhas. As atividades despertaram a curiosidade sobre aventuras literárias. Alguns alunos começaram a buscar exemplares na biblioteca que passou a ser vista como um local de pesquisa e aquisição de conhecimento. Freire argumenta que “ninguém é autônomo primeiro, para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas” (Freire, 2005, p. 107). A leitura e as atividades repletas de emoção foram bem aceitas pelas crianças, principalmente por trabalhar com o imaginário e a fantasia delas.

Em relação aos alunos com dificuldades de leitura, motivados pelo professor, apoiados por colegas, participaram ativamente das leituras propostas neste projeto. A preocupação que ficassem angustiados pelo desejo de ficar no mesmo nível que seus iguais, foi descartada. Desejosos de descobrir o próximo acontecimento na narrativa, o público-alvo passou a trocar opiniões e competir para adivinhar qual seria o próximo rumo a ser tomado por Dorothy.

A proposta com tal prática é instigar a ler sem ter medo do livro. Portanto, não coube fazer cobranças com provas e resumos. O que estava em jogo era a oportunidade de formar novos leitores, demonstrando que a leitura não precisa ser um sofrimento. “Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita” (Freire, 2001, p. 261). Alunos esqueciam por um momento as avaliações. Confiou-se na literatura e no poder de sedução que a palavra pode alcançar.

Igualmente foi perceptível que a leitura traz resultados que são decisivos e importantes na aprendizagem. Tem potencial para romper limites, vencer barreiras. Diminuiu a distância entre professor e aluno. Uma aula foi marcante para nós, um após o outro avisavam “terminei”, “terminei”. Eu perguntava alegremente: “Quase 200 páginas de palavras na sua cabeça, está pesando?” Eu percebia o espanto ao tomar consciência disso. Tal fato permite ressaltar a relevância do desenvolvimento de habilidades de leitura para a aprendizagem. Conhecer as fadigas que impedem adolescentes no ato de ler me trouxe memórias e empatia. A invasão da tecnologia afastou nossos alunos dos livros e resgatar isso é desafiador diante de uma geração que aprendeu a linguagem virtual antes da alfabetização. Foi um despertar para minhas ações pedagógicas.

Na experiência relatada, há indícios de conquistas nesse sentido. O projeto revelou leitores competentes, denominados assim por se constituírem e se reconhecerem como sujeitos a partir da leitura. Ouvi alguns dizerem que nunca tinha lido um livro inteiro e outros que não acreditavam que ler era tão legal. Esses depoimentos soltos é o maior resultado, pois me motiva a seguir.

Desse modo, os resultados apontam para a possibilidade de um trabalho de leitura que estimula o letramento e a autonomia. Como reflexos desse trabalho, os estudantes pediram para continuar com as aulas de leitura e, neste segundo bimestre, estão lendo a obra infantojuvenil “O escaravelho do diabo”, escrito pela brasileira Lúcia Machado de Almeida. Além disso, ficou evidente também a necessidade de mais investimento em estratégias e tempo de leitura na escola.

No trabalho com a mediação foi possível perceber que dar autonomia ao aluno para aprender pode trazer resultados eficazes, o aluno aprende a fazer fazendo. Eles tiveram a oportunidade de compartilhar através de discussões entre seus pares. Concluiu-se que leitura autônoma, “é aquela que se realiza com independência e fluência, sendo o leitor capaz de solucionar os problemas que apareçam no processo” (Brito apud Castello-Pereira, 2003, p. 54). Não é possível dizer que um patamar de leitura autônoma foi atingido, mas provavelmente nunca esquecerão as aventuras que revelaram juntamente com a personagem Dorothy.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme abordado anteriormente, a reflexão entre teoria e prática, teve como intuito compartilhar e refletir sobre uma prática específica do ano de 2024, acerca de

leitura. Esta experiência enfatizou a importância de o professor desenvolver uma prática mediadora, a estimular a leitura como aliada ao desenvolvimento da autonomia e o empoderamento das práticas sociais.

Aprender a aprender está diretamente ligada a autonomia intelectual de sujeitos emancipados com a capacidade de pensar, a leitura faz parte desta construção. A experiência foi significativa como componente intelectual e afetivo.

A partir da avaliação do projeto, temos a pretensão de reconfigurar a proposta desta ação e oportunizá-la para discentes de outras faixas etárias, favorecendo a autonomia na produção do conhecimento.

Diante disso, se o aluno deve ser inserido no mundo permeado pela leitura, mediar o seu contato com as informações e atuar criticamente, então, é preciso se preocupar com o caminho que vai até a autonomia enquanto leitor, que passa sem dúvida pelo prazer de ler. A leitura não acaba no momento que se lê. Ela representa a oportunidade de uma experiência humana insubstituível e única. Eu diria que o maior mérito foi ler, apenas ler.

## **AGRADECIMENTOS**

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. A Deus seja a Glória. João 1:3

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. A literatura, o chamado “universo” e a vida mesmo. 1999 p. 1.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em:  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 03 maio 2024.
- CASTELLO-PEREIRA, Leda Tessari. Leitura de estudo: ler para aprender a estudar e estudar para aprender a ler. Campinas, SP: Alínea, 2003.
- COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, Maria Antonieta da. Acesso à leitura no Brasil: considerações a partir da pesquisa. In: Retratos da leitura no Brasil. São Paulo: imprensa Oficial, 2008. P.12-17.
- FARIA, M. A. O que pensam os adolescentes das histórias que leem? Comunicação e Educação, São Paulo, v. 3, p. 30-35, 1995.
- FREIRE, P. Conferência de abertura do III Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: Unicamp, 1981.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2009.
- GOMES, I. V. Retrospectiva: o acesso ao livro e à leitura pelos jovens no Brasil. In: FAILLA, Z. (Org.). Retratos da leitura no Brasil 3ª. São Paulo: Instituto Pró-livro/Imprensa Oficial, 2012. p. 123-133.
- MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes Limitada, 1994.
- PETIT, Michéle. A arte de ler. Ou como resistir à adversidade. Tradução de Arthur Buenos e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.
- \_\_\_\_\_, M. A leitura em espaços de crise. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 40, n. 3, 2006.
- \_\_\_\_\_, M. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.
- SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Tradução Cláudia Schiling, 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.